

Comunicação/Educação: Linguagem e História ¹

Maria Aparecida Baccega ²

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo; Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo

Resumo

O texto discute como se constitui o discurso da comunicação/educação a partir da transdisciplinaridade e mostra a necessidade do intercâmbio de saberes na realidade contemporânea. O discurso da comunicação constitui-se na conjunção dos discursos desses vários saberes, sobretudo os da História e da Literatura. Ele seleciona, edita e interpreta os fatos do cotidiano, dando um determinado sentido às coisas do mundo. A democratização desse discurso e, portanto, desse ponto de vista passa pela escola que, ressignificada, pode ser o espaço da transformação da informação fragmentada em conhecimento. É essa a contribuição que o campo da comunicação/educação pode dar à escola.

Palavras-chave

Comunicação/educação; transdisciplinaridade; discurso; História; Literatura

As fronteiras entre os campos de conhecimento tornaram-se fluidas. Embora cada um dos campos guarde suas especificidades (Linguagem, História, Sociologia, Antropologia etc.), há entre eles um intercâmbio permanente, formando novos campos, em outro patamar. Essa dialética entre intercâmbio e especificidade, entre totalidade e particular, num movimento que impede que as disciplinas se fechem em si mesmas e cada uma se considere a melhor, fragmentando a apreensão científica da realidade (que não é compartimentada), constitui a transdisciplinaridade, e é o grande desafio daqueles que se dispõem a refletir, criticar e construir uma nova variável histórica.

É nesse patamar que transitam questões básicas da contemporaneidade. Entre elas, as da *comunicação*, incluindo as manifestações tecnológicas (rádio, tv, internet etc.). Toda comunicação – mesmo os fatos que se transformam em notícia e que são divulgados para o mundo todo, instantaneamente, através da tecnologia, rompendo os

¹ Trabalho apresentado ao NP 11 – Comunicação Educativa, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Professora Livre-Docente Aposentada do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP. Editora da revista *Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP; Paulinas; Docente-pesquisadora de Pós-graduação stricto e lato sensu, na ECA-USP.

conceitos de tempo e espaço com os quais sempre operamos – está baseada num discurso, construído no pólo do enunciador (pessoas, empresas, instituições), com o objetivo de persuadir, de convencer, de tornar único um ponto de vista, de transformar em verdade uma única interpretação histórica, sempre atendendo a objetivos que quase nunca contemplam a maioria.

COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM

O discurso da comunicação se constrói com linguagem, sobretudo a linguagem verbal. Por isso, um dos caminhos privilegiados para seu estudo está centrado no âmbito das ciências da linguagem, entendidas essas como parte das ciências sociais. Ou seja: a linguagem não serve apenas para “etiquetar” a realidade, confinando processos e fatos sociais em classificações estáticas. Cada signo, cada palavra transporta a carga de valores que aquela sociedade lhe atribuiu: “negro”, por ex., terá tantos sentidos quantas são as numerosas modalidades de preconceito contra a raça negra que continuam a vigir no Brasil, apesar de um discurso oficial que nega essa realidade. Cada palavra materializa a prática social do grupo ou classe social que a utiliza e que a modifica permanentemente no seu cotidiano, a partir de suas vivências. Logo, os estudos de linguagem dialogam obrigatoriamente com História, Sociologia, Antropologia etc.

Alicerçada na linguagem com as características apontadas, temos a *comunicação*: seu suporte mais democrático é o aparelho fonador, que todo ser humano possui. Hoje, essa comunicação, graças ao avanço da tecnologia, amplificou-se: podemos ver, na sala de nossa casa, o que está ocorrendo no Iraque, por exemplo Ou no Vaticano ou na Rússia. Mas, o que vemos? Aquilo que foi selecionado para que vissemos e com os comentários e análises que nos levam a interpretar da maneira que nos é passado. Ou seja: além de selecionarem os fatos que podemos conhecer, selecionam também o ponto de vista a partir do qual vamos interpretá-los. É como se não existissem mediações, filtros a partir dos quais nos “contam” o mundo, aquilo que estamos “vendo”; como se a “verdade” fosse aquela, sem lugar para movimentos de interpretação. Nesse caso, é como se a linguagem apenas “etiquetasse” a realidade e o produto etiquetado nos fosse “vendido” como o melhor, o mais confiável, o único capaz de dar conta do que ocorre no mundo. Mundo formado, aliás, tão somente por esses produtos previamente

selecionados pelas empresas de comunicação para que os conhecêssemos e, mais que isso, como se o mundo fosse um bazar, com prateleiras, e os fatos, “etiquetados”, fossem ocupando os lugares nessas prateleiras: as estantes do bem (manutenção do *status quo*), as estantes do mal (contrários ao *status quo*). Assim se estabelece o pensamento único, tão necessário para a manutenção da atual estrutura da sociedade.

Esse discurso da comunicação, originado na palavra e em outras manifestações de linguagem, faz a mediação entre nós e o mundo. Então, se já havíamos afirmado que para estudar linguagem é preciso intercambiar com História, Sociologia e Antropologia, por ex. (e é só a partir da inserção da linguagem nesse âmbito que ela entra nos estudos de comunicação), para estudar comunicação é preciso estabelecer um diálogo mais amplo, com mais saberes, que vão incluir Economia (a comunicação se faz por empresas e conglomerado de empresas), Física e Química (pelo modo de operar a comunicação na era tecnológica), além de muitas outras. Sem transdisciplinaridade, o estudo da comunicação não ocorre. “Tentar desvencilhar-se delas [as disciplinas], identificando a comunicação a *uma* disciplina, é reduzir o *campo* a uma *parcela* que, por mais rica que seja, não poderá nunca deixar de ser um empobrecimento deformante e uma usurpação”³. (MARTÍN-BARBERO, 1998)

COMUNICAÇÃO E HISTÓRIA

Por outro lado, já está virando lugar comum afirmar que se faz cada vez mais necessária a formação do cidadão crítico. E que a formação desse cidadão crítico é atribuição da educação. Algumas vezes, toma-se educação como um processo privativo da escola, num reducionismo que a realidade contemporânea já não comporta.

Educação é um processo social, no qual imergimos ao nascer. É no processo de educação, sobretudo através da palavra, que “recebemos” as análises da realidade feitas pelas gerações anteriores, os comportamentos, os estereótipos, o modo de ver e de pensar.

O processo educacional, porém, não tem apenas esta face. Com ele e nele aprendemos também a elaborar o novo, fazendo avançar a História. A palavra, um dos

seus mais importantes sustentáculos, pois carrega a “prática social solidificada”, como diz Adam Schaff, realiza, na verdade, dois movimentos que se imprimem no processo de educação: no primeiro, ela faz a mediação entre o social, essa “prática solidificada” que carrega, e o indivíduo. Nesse movimento, forma a base do pensamento de cada um de nós e possibilita a continuidade do processo histórico. O segundo movimento caracteriza-se pela mediação que a palavra faz entre o individual (aquilo que recebemos das gerações anteriores e incorporamos) e o inovador, ou seja, a possibilidade que cada indivíduo tem de ser sujeito, de reelaborar, produzindo o novo, que se inscreverá num maior ou menor distanciamento do que já está e já é.

Essa inovação, esse novo configura-se como algo já virtualmente contido no social – espaço da história do tempo que vivemos.

Os agentes do processo educacional somos todos os que participamos de uma determinada comunidade, que vivemos no tempo e espaço de uma dada sociedade, que recebemos e reconfiguramos permanentemente a realidade. E hoje, essa realidade é atravessada pela presença dos meios de comunicação.

A condição de educar é própria da natureza desses meios, cada vez mais tecnologicamente desenvolvidos, o que lhes permite estar em muitos espaços ao mesmo tempo. Eles ocupam lugar privilegiado no processo educacional, ao lado da escola. Mostram às pessoas os fatos tal qual eles os editaram, tal qual os redesenharam. O fato, até chegar ao rádio, à televisão ou ao jornal, estar na fala do vizinho ou no comentário dos alunos, passou por uma série de filtros – instituições ou pessoas – “que selecionam o que vamos ouvir, ver ou ler; que fazem a montagem do mundo que conhecemos”.

“Editar é construir uma realidade outra, a partir de supressões ou acréscimos em um acontecimento. Ou, muitas vezes, apenas pelo destaque de uma parte do fato em detrimento de outra. É reconfigurar alguma coisa, dando-lhe novo significado, atendendo a determinado interesse, buscando um determinado objetivo. Fazendo valer um determinado ponto de vista”.

⁴(BACCEGA, 1994,7-8)

³ MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Prefácio*. In: BACCEGA, M. A **Comunicação e linguagem** Discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

⁴ *Do mundo editado à construção do mundo*. **Comunicação & Educação** nº1. São Paulo, CCA/ECA-USP; Moderna, set./dez de 1994. p.7-8

Se queremos formar o cidadão crítico, temos que nos preocupar, portanto, com as relações que seremos capazes de estabelecer com os meios. Buscar compreender seus mecanismos possibilitará a cada um de nós, a nossos alunos, a todos os que educamos e somos permanentemente educados que consigamos, a partir do que nos chega editado, selecionar o mais adequado para a elaboração do novo, tanto no que se refere à atribuição de importância maior ou menor aos fatos que nos apresentam quanto à crítica do ponto de vista a partir do qual cada fato é apresentado.

Uma das bases para que essa relação com os meios se efetive é o conhecimento da realidade em que vivemos. É ele que possibilitará estabelecer as inter-relações entre os fatos, ao invés de percebê-los como capítulos de mais uma novela.

Desse modo, pode-se verificar que comunicação/educação formam um único campo, para onde convergem, reelaboradas, as diversas áreas do conhecimento. É desse lugar que poderemos estabelecer relações críticas com a comunicação, quer ela seja veiculada pelos meios, quer ela se manifeste nas falas e nas ações dos outros membros do nosso grupo.

A História é uma das vertentes do campo comunicação/educação e ocupa lugar privilegiado na formação do cidadão crítico. Em outras palavras: as relações críticas com os meios de comunicação ocorrerão quando cada indivíduo conscientizar-se da sua condição de ser histórico, da História de seu mundo, da sua capacidade de fazer História.

Mas de que História estamos falando? Daquela disciplina que nos ensinaram na escola, como uma sucessão de datas e nomes, levemente relacionados a algum fato (ou acontecimento)? Uma realidade morta, acabada, presa nos livros, apresentada como uma realidade outra que corria paralela a qualquer ligação efetiva com a nossa vida.

Há não muito tempo (e, quem sabe, às vezes ainda hoje), a História era um disciplina secundária, que tinha um(a) professor(a) que mandava decorar o livro (que continha nomes e datas) para que soubéssemos responder na prova, a qual fazíamos apenas para não sermos reprovados. Havia sempre uma galeria de “heróis”, que eram os representantes do pólo dominante, dos que escrevem a História, a História oficial. Os que efetivamente fazem a História, os que trabalham anonimamente no cotidiano das cidades e do campo, esses não chegavam a essas aulas. Em nenhum

momento se exercitava a reflexão, a inter-relação entre a História e as outras disciplinas, entre o passado e o presente. Futuro? Jamais. Ficava por conta do “destino”.

Afinal, para que se deve estudar a História? Por que estamos atribuindo-lhe tanta importância? Se a alguém ocorresse a idéia de que ela é estudada para que se aprenda como os homens resolveram determinados problemas no passado e aplicar tais lições no presente, isso seria um absurdo. Até porque estaria desprezada a característica básica do homem, que é a de fazer cultura, no sentido de atuar sobre o processo e elaborar novas realidades, modificando-se (trata-se do segundo movimento de mediação, a que nos referimos). Portanto, ainda que possam aparentar, os problemas não são exatamente os mesmos. Menos ainda as soluções. Decorrido um certo tempo, o homem acumula saber, o que o faz ter disponíveis um maior número de problemas e de possibilidades de solução. E isso o torna um outro homem.

Então, onde ficam as permanências? Não há lugar para a tradição?

Michel de Certeau diz que hoje existe

“uma tomada de consciência (antropológica, psicanalítica etc.) de que a tradição, que se tinha relegado para um passado totalmente acabado, julgando assim expulsá-la, permanece e volta nas presentes práticas e ideologias. O morto continua assolapado na atualidade, assedia-a e determina-a. Nunca mais se acaba de matá-lo ou de exorcizá-lo”.⁵ (CERTEAU, 1982, 28)

O passado está sempre atualizado no presente, reconfigurado em novas práticas, servindo de base – presente e passado – para planejar o futuro, que, afinal, aí está virtualmente contido, como já dissemos.

O estudo da História nos permite conhecer o passado, saber como os homens, em culturas diferentes, portanto com outros meios, lutaram por seus valores. Permite-nos, também, avaliar, interpretar como ocorreram as transformações do homem no seu relacionamento com o mundo, no processo de construção das sociedades. “Para que esse objetivo seja alcançado, é preciso ter ‘ouvidos para ouvir’ e ‘olhos para ver’ a História

⁵ CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio: Forense-Universitária, 1982. p.28

dos vencidos, dos silenciados pela força. Essa é a História que a História oficial não contempla.”⁶ (BACCEGA, 1995: 66)

Para que resgatemos essa História, não basta que se busquem apenas os textos escritos. Como diz Febvre,

“a História faz-se com documentos escritos, sem dúvida, quando eles existem; mas ela pode fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da Lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem”.⁷ (FEBVRE, 1985:249)

O objeto do estudo da História são, portanto, “as ações humanas de todos os lugares e de todos os tempos, na medida em que tiveram ou ainda têm importância ou influência na existência e na estrutura de um grupo humano e, implicitamente, por meio deles, uma importância ou uma influência na existência e na estrutura da comunidade humana presente ou futura”.⁸ (GOLDMANN, 1967:23)

Esse é um dos caminhos para conseguirmos estabelecer as necessárias relações críticas com os meios e com a comunicação em geral, formando o cidadão crítico, o que é, sem dúvida, indispensável.

DISCURSO DA COMUNICAÇÃO: HISTÓRIA E LITERATURA

⁶ BACCEGA, Maria A. **Palavra e discurso: História e Literatura**. São Paulo, Ática, 1995. p. 66

⁷ FEBVRE, Lucien. “Profissões de fé à hora da partida.” In: **Combates pela História**. Trad. Leonor M. Simões e Gisela Moniz. 2.ed. Lisboa, Presença, 1985. P. 249

⁸ GOLDMANN, Lucien. **Ciências humanas e filosofia**. Trad. Lupe Cotrim e J. Artur Gianotti. São Paulo: Difel, 1967. p. 23

É possível percorrer o campo da comunicação entrando pela porta das ciências da linguagem (entendidas no concerto das ciências sociais), ou seja, a linguagem como constitutiva da experiência e não como mero instrumento. E, a partir daí, mostrar como o discurso da comunicação, com suas especificidades, é uma conjunção, com características próprias, dos discursos da história e da literatura.

O estudo do discurso da história deve permitir que se perceba como os fatos históricos são construções, resultado das mediações do historiador, as quais entram numa rede de relações que tece a história de determinado período, essa mesma rede também construída pelo historiador, que a desenvolve a partir de um lugar, o lugar do qual ele vê. O historiador, com seus condicionamentos, seleciona materiais históricos, escolhe as fontes, elabora fatos, reconstrói o passado, inscreve seu trabalho nas disputas de seu tempo.

“O discurso da história é a manifestação, elaborada no presente, por um indivíduo/sujeito que, ‘preso’ a uma determinada formação ideológica/formação discursiva (no caso, a da história), debruça-se sobre o passado e, na condição de sujeito ativo nesse processo de conhecimento, vai articular de um determinado modo os fatos históricos, mostrando, nessa articulação, nesse enredamento, seu ponto de vista sobre a contemporaneidade e sua proposta de futuro”⁹.(BACCEGA, 1998:35)

O discurso da literatura é a outra face dessa mesma moeda: o discurso da comunicação. Preso à consciência estética, é o discurso das possibilidades humanas e não do efetivamente vivido. O indivíduo/sujeito que produz literatura, tal como o que produz história, não é independente: “tem suas amarras nos condicionamentos da sociedade em que vive. É, porém, autônomo, ou seja, capaz de reelaborar essa carga, produzindo o novo”¹⁰. (BACCEGA, 1998:36)

Ambos os discursos - da história e da literatura - aproximam-se e distanciam-se, em suas configurações. E, com tais características, formam o discurso da comunicação, que, selecionando e editando fatos, interpretando-os, atuando na fronteira entre realidade e ficção, constroem o sentido do mundo em que vivemos. E o comunicador é o mediador entre a história e a literatura, entre a realidade e a ficção, construindo um discurso que, feito aparentemente “para ir-se embora”, para esvair-se na edição do jornal ou no produto televisivo ou radiofônico, constitui-se, na verdade, num discurso que se

⁹ BACCEGA, M. A **Comunicação e linguagem**: discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998. p.35

¹⁰ BACCEGA, M. A **Comunicação**....., *op. cit.* p.36

mascara, apenas “preparando a hora de voltar”. Voltar sem nunca ter partido, pois é ele, na verdade, como dissemos, que constrói os sentidos do mundo e que vem governando nossa percepção da realidade.

ESCOLA, COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO, TRANSDISCIPLINARIDADE

A Escola, resignificada, é chamada mais uma vez, e sempre, para, no bojo dessa realidade, apontar caminhos de democratização. Um desses caminhos passa pela distinção entre a *informação*, fragmentada, tal qual veiculada pelos meios de comunicação, e o *conhecimento*, totalidade que implica

“reelaboração do que está; inclui a condição de ser capaz de trazer à superfície o que é ainda virtual naquele domínio. Prevê ter claro que o virtual de um domínio nada mais é que o resultado da interdiscursividade de todos os domínios, possível naquela formação social; que os diversos fenômenos da vida são concatenados em referência à sociedade como um todo. Para tanto, as informações fragmentadas não são suficientes”. (BACCEGA, 1998:112)¹¹

E essa inter-relação só é possível pela transdisciplinaridade.

Com isso já estamos no campo da comunicação/educação. Nele circulam essas

“situações novas que encontraram sua expressão teórica mais avançada em uma compreensão da *cultura como configuração histórica dos processos e das práticas comunicativas*. Essas que necessitam, mais do que nunca, articular os saberes quantitativos a um conhecimento qualitativo capaz de decifrar a produção comunicativa de sentido, toda a trama de discursos que ela mobiliza, de subjetividades e de contextos, em um mundo de tecnologias midiáticas, cada dia mais densamente incorporadas à cotidianidade dos sujeitos e cada dia mais descaradamente excludentes dos direitos das majorias à voz e ao grito, à palavra e à canção”¹². (MARTÍN-BARBERO, 1998:Prefácio)

Referências bibliográficas

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Prefácio*. In: BACCEGA, M. A **Comunicação e linguagem** Discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

Do mundo editado à construção do mundo. Comunicação & Educação nº1. São Paulo, CCA/ECA-USP; Moderna, set./dez de 1994. p.7-8

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio: Forense-Universitária, 1982. p.28

¹¹BACCEGA, M. A **Comunicação**, *op. cit.* p.112

¹² MARTÍN-BARBERO, J. *Prefácio. Op. cit.*

BACCEGA, Maria A. **Palavra e discurso**: História e Literatura. São Paulo, Ática, 1995. p. 66

FEBVRE, Lucien. "Profissões de fé à hora da partida." In: **Combates pela História**. Trad. Leonor M. Simões e Gisela Moniz. 2.ed. Lisboa, Presença, 1985. P. 249

GOLDMANN, Lucien. **Ciências humanas e filosofia**. Trad. Lupe Cotrim e J. Artur Gianotti. São Paulo: Difel, 1967. p. 23

BACCEGA, M. A **Comunicação e linguagem**: discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998. p.35

BACCEGA, M. A **Comunicação**, *op. cit.* p.36

BACCEGA, M. A **Comunicação**, *op. cit.* p.112

MARTÍN-BARBERO, J. *Prefácio. Op. cit.*